

RECONFIGURAÇÕES DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: ABORDAGENS CRÍTICAS

Andréa Moraes da Costa
Gracielle Marques
Paulo Eduardo Benites de Moraes
(Orgs.)

Coleção Pós-Graduação da UNIR



RECONFIGURAÇÕES DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: ABORDAGENS CRÍTICAS

Andréa Moraes da Costa
Gracielle Marques
Paulo Eduardo Benites de Moraes
(Organizadores)

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Reitora Marcele Regina Nogueira Pereira
Vice-Reitor José Juliano Cedaro

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

CONSELHO EDITORIAL

Presidente Lou-Ann Kleppa
Ariana Boaventura Pereira
Carlos Alexandre Trubiliano
Eliane Gemaque Gomes Barros
Gean Carla Silva Sganderla
Leandro Soares Moreira Dill
Márcio Secco
Marli Lúcia Tonatto Zibetti
Pedro Ivo Silveira Andretta
Ricardo Gilson da Costa Silva
Xênia de Castro Barbosa

COMISSÃO CIENTÍFICA

Marília Lima Pimentel Cotinguiba
Patrícia Goulart Tondineli
Quesler Fagundes Camargos
Auxiliadora dos Santos Pinto



Editora Filiada



Edufro - Editora da Universidade Federal de Rondônia
BR 364, Km 9,5
Campus Unir
76801-059 - Porto Velho - RO
Tel.: (69) 2182-2175
www.edufro.unir.br
edufro@unir.br

RECONFIGURAÇÕES DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: ABORDAGENS CRÍTICAS

Andréa Moraes da Costa
Gracielle Marques
Paulo Eduardo Benites de Moraes
(Organizadores)

Coleção Pós-Graduação da UNIR



Porto Velho - RO

© 2021 by Andréa Moraes da Costa, Gracielle Marques,
Paulo Eduardo Benites de Moraes, (Organizadores)
Esta obra é publicada sob a Licença Creative Commons Atribuição-Não
Comercial 4.0 Internacional.



Capa:

Rosivan Diagramação & Artes Gráficas

Revisão:

Marília Lima Pimentel Cotinguiba

Projeto gráfico:

Edufro - Editora da Universidade Federal de Rondônia

Diagramação:

Rosivan Diagramação & Artes Gráficas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UNIR

F981 Fundação Universidade Federal de Rondônia.

Reconfigurações da literatura contemporânea: abordagens críticas / organização
Andréa Moraes da Costa, Gracielle Marques, Paulo Eduardo Benites de Moraes. Porto
Velho, RO: Coleção Pós Graduação da UNIR EDUFRO, 2021.

195 p.; il.

ISBN: 978-65-87539-59-1 (digital)

DOI: 10.47209/978-65-87539-59-1

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura Contemporânea. 3. Produção Literária. I. Costa,
Andréa Moraes da. II. Marques, Gracielle. III. Moraes, Paulo Eduardo Benites de. IV. Título. V.
Fundação Universidade Federal de Rondônia.

CDU 82-3

Bibliotecário Luã Silva Mendonça

CRB 11/905

Sumário

- 7 **APRESENTAÇÃO**
- 11 **ENTRE O HORROR E A POLÍTICA: NOTAS SOBRE *O RASTRO***
Jaime Ginzburg
- 22 **A POTÊNCIA DA FAMÍLIA NO CURTA-METRAGEM *OS SAPATOS DE ARISTEU* E NO ROMANCE *LAS MALAS***
Cláudia Maria Ceneviva Nigro
Luiz Henrique Moreira Soares
- 40 **O MOVIMENTO SOBREVIVENTE DAS IMAGENS: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE GUIGNARD E NATÁLIA AGRA**
Paulo Eduardo Benites de Moraes
- 52 **PRODUÇÕES PERFORMÁTICAS EM LIBRAS: O USO DO CORPO E DA MÁQUINA EM PRODUÇÕES LITERÁRIAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**
Nayara Piovesan Ribeiro Bartolomei
Vinícius Carvalho Pereira
- 65 ***QUARENTA DIAS*, DE MARIA VALÉRIA REZENDE: UMA ESCRITA DE RESTOS**
Juliana Santini
- 83 **ESPAÇO, CORPO E RESISTÊNCIA: UMA LEITURA DECOLONIAL DO POEMA *MORMAÇO*, DE ELIZEU BRAGA**
Ednalva Oliveira Silva
Janete da Silva Lagos
Juliana Bevilacqua Maioli

- 100 **AS TRAMAS DO BORDADO: LITERATURA, HISTÓRIA E SUBJETIVIDADES À MARGEM EM YUXIN ALMA**
Gracielle Marques
Juliana Budin Ferreira
- 120 **UM MERGULHO NAS ÁGUAS DE ÓRFÃOS DO ELDORADO E TERRA SONÂMBULA**
Andréa Moraes da Costa
Greilaine Agostinho Martins
Jacimara Nascimento Von Dollmger
- 136 **(RE)TRADUZINDO O CHACO PARAGUAIO NO INÍCIO DO SÉCULO XX**
Hélio Rodrigues da Rocha
Rogério de Mendonça Correia
- 149 **HELLEN CALDWELL: TRADUTORA DE QUATRO ROMANCES DE J. M. MACHADO DE ASSIS PARA O INGLÊS**
Válmi Hatje-Faggion
- 172 **PRIMO LEVI E AS APORIAS DA HISTÓRIA: MEMÓRIA, TESTEMUNHO E EXPERIÊNCIA**
Fernando Simplício dos Santos
Elizabeth Cavalcante de Lima
- 191 **SOBRE OS AUTORES (AS)**

APRESENTAÇÃO

Neste livro dedicado ao estudo da literatura em suas diversas abordagens críticas reunimos uma mostra abreviada, mas contundente, de trabalhos sobre a produção ficcional contemporânea, frutos das discussões promovidas pelos Grupos de Pesquisas Estudos da Tradução da Amazônia (GETRA-UNIR) e Poéticas Moderna e Contemporânea (GPPMC-UNIR). O GETRA, liderado pela professora Andréa Moraes da Costa, tem como foco a investigação de atividades tradutórias no âmbito literário, considerando contextos culturais de realização, de recepção e de circulação, enquanto que o GPPMC, criado pelo professor Paulo Eduardo Benites de Moraes, objetiva fomentar os estudos das teorias poéticas da modernidade e da contemporaneidade em diálogo com outras artes.

Para tal empreitada, contamos com as contribuições de membros vinculados a esses dois grupos, professores docentes do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (MEL/UNIR) e renomados professores de outras sete instituições de ensino superior brasileiras, do norte, sudeste e centro-oeste que lançam seus olhares sobre diversos autores, temas e problemas, ampliando o diálogo em torno da produção literária na contemporaneidade.

A proposta geral desta coletânea pretendeu pensar as apostas da literatura contemporânea a partir de suas reconfigurações do tempo histórico e suas articulações com as possibilidades de imaginação do futuro, tendo em vista a abertura para o diálogo com diversos campos do saber, linguagens e seus suportes. Ao se constituir um território de leitura dos múltiplos cruzamentos e questionamentos que a ficção e a crítica movem em torno de questões filtradas pela literatura do tempo presente, acreditamos ser possível imaginar possibilidades de um mundo por vir.

Com esse espírito, o texto de Jaime Ginzburg, “Entre o horror e a política: notas sobre *O Rastro*”, abre esta coletânea com uma leitura do filme *O rastro* (2017), dirigido por J.C. Feyer, o qual articula os aspectos que remetem a convenções do gênero cinema de horror que assombram a saúde pública no

Rio de Janeiro e a construção de um discurso que interpela um esquema nefasto envolvendo políticos corruptos.

Na sequência, o texto de Cláudia Maria Ceneviva Nigro e Luiz Henrique Moreira Soares, “A potência da família no curta-metragem *Os sapatos de Aristeu* e no romance *Las malas*”, explora o tema da regulação dos corpos e dos comportamentos na constituição masculinista e cisheteronormativa em torno da família, tomada como um dispositivo histórico (e tradicional), configurando-se como um espaço de diversas violências na análise comparada entre as duas produções mencionadas por seus autores.

O texto escrito por Paulo Eduardo Benites de Moraes, “O movimento sobrevivente das imagens: uma aproximação entre Guignard e Natália Agra”, propõe uma leitura comparativa entre poesia e pintura sob a perspectiva das teorias da imagem. O texto explora temas afins da composição dos quadros e dos poemas, como a névoa, o ar, a fumaça, o vento e analisa como essas figuras constroem a imagem da morte e da memória como aparições fantasmáticas tanto nos poemas selecionados quanto nas duas telas estudadas.

O capítulo escrito por Nayara Piovesan Ribeiro Bartolomei em coautoria com Vinícius Carvalho Pereira intitulado “Produções performáticas em libras: o uso do corpo e da máquina em produções literárias em língua brasileira de sinais” traz o tema da performance literária articulada pelo corpo, pela linguagem e pelos meios digitais no contexto da língua brasileira de sinais. O texto explora as performances literárias sinalizadas em meio digital como formas únicas que se constituem pela intrínseca relação entre os elementos constitutivos da literatura em libras.

Por seu turno, Juliana Santini, em “*Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende: uma escrita de restos”, aborda a relação entre imigrante, cidade e escrita ao discorrer sobre a reconstrução da identidade atravessada pelas perambulações urbanas de uma professora nordestina, que busca organizar essa experiência pela escrita, incorporando seus rascunhos e panfletos encontrados na rua.

No texto “Espaço, corpo e resistência: uma leitura decolonial do poema *Mormaço*, de Elizeu Braga”, Ednalva Oliveira Silva, Janete da Silva Lagos e Juliana Bevilacqua Maioli apresentam uma leitura decolonial do poema “Mor-

maço”, do poeta rondoniense Elizeu Braga. As autoras exploram a composição das imagens poéticas que, ao fundirem em sua sintaxe aspectos do corpo e do espaço social, logra ressemantizar as relações cotidianas vivenciadas por sujeitos invisibilizados na sociedade amazônica do século XXI.

Também Gracielle Marques e Juliana Freitas Budin Ferreira, em “As tramas do bordado: literatura, história e subjetividades à margem em *Yuxin, Alma*”, analisam seu objeto de estudo pelo viés da crítica decolonial. As autoras estudam os modos como o romance de Ana Miranda inscreve o protagonismo feminino indígena e enfrenta algumas visões cristalizadas no discurso histórico e literário relacionadas ao ciclo econômico da borracha entre o final do Século XIX e o início do Século XX.

A investigação proposta em “Um mergulho nas águas de *Órfãos do Eldorado e Terra Sonâmbula*”, por Andréa Moraes da Costa, Greicilaine Agostinho Martins e Jacimara Nascimento Von Dollmger, tem em seu núcleo as referidas narrativas, de autoria de Milton Hatoum e Mia Couto respectivamente. Em suas discussões, as autoras, tendo em foco a simbologia das águas, promovem um debate em que apontam como a presença das águas – considerando o rio e o mar – refletem na vida dos personagens centrais destas obras.

Em “(Re)Traduzindo o Chaco paraguaio no início do século XX”, Hélio Rocha e Rogério de Mendonça Correia propõem uma breve apresentação da vida do missionário anglicano Wilfred Barbrooke Grubb, que (re)escreveu e descreveu/descreveu sua experiência de evangelização junto aos indígenas na região do Chaco paraguaio. Para isso, os autores apresentam uma análise dos apagamentos culturais e religiosos propostos por esse missionário quando da construção etnográfica de um outro povo e outra cultura não europeia, com implicações disso em textos que, segundo esses autores, acabaram por se tornar tanto uma ‘desescrita’; da realidade, quanto uma (re)escrita.

Válmi Hatje-Faggion, em “Hellen Caldwell: tradutora de quatro romances de J. M. Machado de Assis para o inglês”, considerando que na área dos Estudos da Tradução poucas ainda são as mulheres que oferecem traduções aos leitores, propõe uma investigação acerca do projeto tradutório e o papel da norte-americana Helen Florence Caldwell no que diz respeito às suas

traduções dos textos suplementares, assim como na crítica, procurando, desse modo, evidenciar implicações do trabalho dessa tradutora para o novo leitor e as contribuições para a difusão do escritor brasileiro.

O capítulo que encerra a coletânea, refletindo sobre o tópico história, memória e narrativa de testemunho, de Fernando Simplício dos Santos e Elizabeth Cavalcante de Lima, “Primo Levi e as aporias da história: memória, testemunho e experiência”, centra sua atenção nos paradoxos que a narrativa *É isto um homem?*, de Primo Levi, conseguiu traduzir ao apresentar o que ocorreu nos campos de concentração.

Gostaríamos, por fim, de agradecer o incentivo do Programa de Pós-graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários, que por meio dos recursos do PROAP/CAPES, destinados à divulgação das pesquisas em curso realizadas no seu âmbito, possibilitou esta publicação.

Os organizadores

Andréa Moraes da Costa

Gracielle Marques

Paulo Eduardo Benites de Moraes

(RE)TRADUZINDO O CHACO PARAGUAIO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Hélio Rodrigues da Rocha
Rogério de Mendonça Correia

“Reimaginar de dentro significa redizer, significa ressignificar e repensar as definições e conceitos sobre o local.”
(Nenevé, 2015, p. 21)

Do início à metade do século passado três obras foram escritas pelo missionário anglicano Wilfred Barbrooke Grubb (1865-1930) no intuito de (re)escrever e descrever/desescrever¹ sua experiência de evangelização junto aos indígenas na região do Chaco paraguaio. Os livros são *Among the Indians of the Paraguayan Chaco: a story of missionary work in South America* (1904), *An Unknown People in an Unknown Land: an account of the life and customs of the Lengua Indians of the Paraguayan Chaco, with adventures and experiences during twenty years' pioneering and exploration amongst them* (1911) e *A Church In The Wilds: the remarkable story of the establishment of the South American Mission* (1914).

Grubb, missionário de origem escocesa ligado à igreja anglicana, foi enviado à região do Chaco paraguaio pela South American Missionary Society (SAMS) - Sociedade Missionária Sul-Americana em 1889. Nasceu em 1865 e morreu em 1930. Casou-se com Mary Bridges Grubb, filha de missionário da mesma missão. Encerrou suas atividades no Chaco no ano de 1921. Foi laureado pela missão com o título de “Livingstone of South America”², em alusão ao famoso missionário Congregacional, David Livingstone (1813-1873), também de origem escocesa, e que dedicou a sua vida à evangelização cristã da África e se tornou uma referência entre os missionários daquele período.

¹ O termo desescrever é aplicado aqui conforme utilizado por Henry Meschonnic em seu artigo “Traduire: Écrire ou Désécrire”, traduzido para o português por Claudia Borges de Faveri e Marie-Hélène Catherine Torres.

² Disponível em: <http://www.bu.edu/missiology/w-barbrooke-grubb/>, acesso em: 22 de jul. de 2021.

A obra escrita de Grubb é auto-etnográfica, por conter relatos vividos e experiências presenciadas por ele mesmo entre os indígenas da região do Chaco paraguaio. Como tal, é uma obra permeada de uma mentalidade basicamente judaico-cristã ocidental, do ponto de vista cultural, e basicamente cristã institucional enquanto cosmovisão em relação ao outro. Nesse sentido, propõe-se aqui elaborar uma breve apresentação da vida de Grubb fazendo inserções sobre uma análise dos apagamentos culturais e religiosos propostos por ele quando da construção etnográfica de um outro povo e outra cultura não europeia, com implicações em textos que acabaram por se tornar uma “desescrita” da realidade, tanto quanto uma (re)escrita.

Por que estudar a obra de Grubb?

Em primeiro lugar, precisamos apresentar algumas razões para a seleção de estudos da vida e obra de Grubb entre os indígenas do Gran Chaco. Talvez o mais importante seja o resgate de obras ameríndias e suas reconstituições com (re)leituras e (re)traduções feitas a partir de relatos de viajantes, apresentando essas obras com uma visão analítica aos povos que são contados e (re)contados, por vezes caricaturados e imaginados, apresentados ao mundo europeu pelas lentes de uma escrita que contempla uma realidade que subjaz no imaginário desse “explorador”, “dominador”, “conquistador”, “evangelizador” e tantos outros “-dor(es)” que pisaram as Américas, em particular as regiões indígenas.

Depois, nosso interesse está em construir uma (re)leitura/(re)tradução crítica dessa (re)leitura/(re)tradução feita pelo europeu, sem dar a nós, nativos, a possibilidade de entender e explicar nosso próprio mundo com nossas próprias categorias, de palavras, de léxicos, de ideias, de sistemas de pensamentos, de crenças, etc.

Nesse sentido, posto que nos foi legada a língua do colonizador, é sempre um desafio a mais pensar em termos de categorias outras, próprias daqui, sendo que nosso ponto de partida linguístico/cultural é minado, ou para usar uma linguagem desenvolvida pelos sindicatos de trabalhadores sabotados pelas estruturas governamentais nos últimos anos, “comida por dentro”, por nos ser ensinado

desde a infância com as categorias que hoje tentamos rechaçar para encontrar outro caminho de construção de pensamento e compreensão daquilo que é local.

Como última parte desse desafio, nos utilizamos das categorias de “decolonialidade” pensadas por autores que colaboraram na obra de Walsh (2013), “Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir”, que buscam uma maneira de se inscrever no mundo que ultrapassa os conceitos que temos de descolonialidade, onde o prefixo des- nos indica um caminho de desfazer, desconstruir o que fora construído por força da colonialidade bem presente nas Américas. É mais do que rejeitar; é buscar uma maneira nossa de resistir, (re)existir e (re)viver. Novas categorias, que sejam próprias, autônomas, não dependentes das categorias coloniais que sempre estiveram presentes no nosso modo de pensar, estudar, escrever, expressar, etc.

Por isso, pela dificuldade que uma leitura/(re)leitura/tradução/(re)tradução dessa natureza nos trazem, é que usamos tantas aspas e tantos parênteses para entender maneiras outras, caminhos outros para tratar das categorias que nos foram legadas como cânones e que precisam, a nosso ver, serem (re)feitos/(dis)feitos. Como nos lembra Paz, sendo citado por Arrojo:

Todo texto é único e é, ao mesmo tempo, a tradução de outro texto. Nenhum texto é completamente original porque a própria língua, em sua essência, já é uma tradução: em primeiro lugar, do mundo não-verbal e, em segundo, porque todo signo e toda frase é a tradução de outro signo e de outra frase. Entretanto, esse argumento pode ser modificado sem perder sua validade: todos os textos são originais porque toda tradução é diferente. Toda tradução é, até certo ponto, uma criação e, como tal, constitui um texto único. (Paz *apud* Arrojo, 2007, p. 11)

Uma vez que estamos lidando com um texto que é expressão da “tradução” linguística e cultural de um povo feita por um europeu, originalmente falante de língua inglesa, que precisou fazer uma tradução linguístico-cultural das tradições orais para expressar isso para os seus compatriotas e correligionários, constitui-se um trabalho de (re)tradução o ato de traduzir agora do inglês para o português, o que fora traduzido das expressões orais indígenas da região

do Chaco paraguaio para o inglês escrito, que carrega suas próprias nuances de língua como sistema, que também são diferentes de suas nuances de língua oral, como acontece com todo sistema linguístico, onde a escrita não consegue acompanhar os movimentos da oralidade.

Se considerarmos as teorias de comunicação, especialmente os diagramas desenvolvidos a partir das ideias de Roman Jakobson, percebemos que tratar de comunicação oral não é tarefa tão simples, posto que não pensamos em língua, mas em ideias, envolvidas em processo mental complexo, convertidas em língua em uma espécie de processo tradutório interno, organizados em fala, o que implica uma outra “tradução”, adaptados à escrita, o que é ainda outra “tradução” para uma outra maneira de expressar linguagem. Por isso traduzir é sempre um processo de (re)traduzir. Mais ainda quando alguém procura absorver o processo de oralidade de um povo, junto com suas experiências, em outra língua, traduz e publica, legando-nos a tarefa de (re)traduzir para outra língua aquilo que já é, em si, um processo múltiplo de traduções. Isso para não mencionar que cada tradução é uma leitura possível, que parte do indivíduo que faz a tradução, das muitas leituras possíveis da mesma realidade linguística, cultural, religiosa, etc.

O Chaco paraguaio como área de atuação de Grubb

O “*Gran Chaco*”, como é chamada a região de planície alagadiça que se estende por territórios da Argentina, Paraguai e Bolívia, totalizando uma extensão de cerca de 725 quilômetros, distribuídos em maior parte na Argentina, um terço no Paraguai e o restante na Bolívia³. Há ainda uma pequena parte do Chaco em território brasileiro, na parte norte, que faz fronteira com a região do Pantanal. É ainda dividido em Chaco Boreal, ao norte do Pilcomayo, Chaco Central, entre os rios Pilcomayo e Bermejo, e Chaco Austral, ao sul de Bermejo. Há uma pequena divergência quanto à tradução do nome do lugar, apresentado como um nome de origem Quechua, ora traduzido como “Hunting Land” (terra de caça)⁴, ora traduzido como “the hiding-place” (escondido), conforme apresentado pelo próprio Grubb no capítulo introdutório de

³ Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Gran-Chaco>. Acesso em: 22 de jul. de 2021.

⁴ Ibid.

“Among the Indians of the Paraguayan Chaco”. Ao se referir ao Chaco como um lugar escondido, Grubb chega a afirmar que “provavelmente não pudesse ser encontrado nome melhor para um país que permaneceu tanto tempo praticamente desconhecido do resto do mundo”⁵ (Grubb, 1904, seção B, tradução nossa). Essa declaração expressa, entre outras coisas, uma certa cosmovisão sobre concepção de mundo, de modernidade, de colonização e, ao problematizá-la, trazemos o debate sobre docolonialidade proposta no começo desse texto.

O trabalho de Grubb no Chaco foi marcado por duas etapas importantes, uma primeira de implantação de estrutura de trabalho para a Missão, construindo bases e sedes de apoio para a chegada de outros membros da Missão, estendendo geograficamente os locais onde a Missão atuava, e o trabalho evangelístico propriamente dito, que incluía uma inserção cultural entre o governo paraguaio e os indígenas com quem trabalhava diretamente.

Para além da necessidade de gerar uma estrutura de trabalho, havia uma situação descrita por Grubb e ratificada pelo bispo Stirling, coordenador dos trabalhos da Missão no período em que Grubb atuou e que fez o prefácio da obra, apontando Grubb como um pacificador das guerras e tensões presentes entre os indígenas e os governos paraguaio e argentino. Com o governo paraguaio por dissensões motivadas por posse de terra e gado, especialmente iniciadas em guerra civil interna anterior ao estabelecimento da missão e continuada pelas compreensões diferentes de território, propriedade e posse de territórios e gado. Com o governo argentino por uma matança indígena brevemente apontada como motivada pela propriedade de terras. Nesse ambiente, percebendo a importância da pacificação para a continuidade dos trabalhos da Missão é que Grubb se propõe a atuar como um “pacificador” das tensões entre os indígenas e os governos, numa tentativa de “civilização” dos indígenas por meio da cristianização deles e de suas práticas.

Essa ação obteve notório “sucesso” entre as partes envolvidas, com reconhecimento especial por parte do governo paraguaio, como podemos perceber no trecho traduzido do prefácio da obra:

⁵ Cf. o texto fonte, “... and probably no better one could have been found for a country which has remained so long practically unknown to the world at large”.

Quando a Missão Chaco foi primeiramente proposta, eu tinha receios sobre seu futuro sucesso. Tanta dor e desapontamento foram causados pela deliberação, e tão somente bem sucedidas tentativas do Governo argentino em exterminar as raças indígenas em outras partes, que eu temia que os trabalhos projetados da Missão no Paraguai pudessem ser impedidas; ou, se permitidas, pudessem ser apagadas rapidamente pela violência e pelos sanguinários da parte dos administradores da terra. Entretanto, este não foi o caso até agora. Ao contrário, a obra do Sr. Grubb, pelo seu notado sucesso, recebeu a devida atenção do governo paraguaio, e lhe concedeu o título de *Comisario General del Chaco y Pacificador de los Indios* (Juiz de Paz, ou magistrado, do Chaco, e conciliador das tribos indígenas). E para mim é uma grande alegria contemplá-los sob a direção benevolente e inteligente de uma missão cristã, ao invés de serem importunados e maltratados por expedições militares ou por aventureiros inescrupulosos⁶. (Grubb, 1904, ix-x, tradução nossa).

Estrategicamente falando, Grubb percebeu a necessidade de trabalhar a “pacificação” das relações supracitadas por uma razão bem específica, não escondida pelo bispo Stirling. Se não houvesse um processo de pacificação, não haveria missão a ser cumprida porque não haveria indígenas a serem evangelizados. Embora a mentalidade subjacente fosse centrada na tarefa de evangelização, também não podemos ignorar ou relativizar o fato de que essa ação trouxe um novo horizonte de prolongamento das vidas indígenas. De certa forma, suas ações ajudaram os indígenas a entender o princípio colonizador e capitalista da “propriedade privada”, conquanto muitos não entendam que, se houvesse, de fato, qualquer propriedade a ser resguardada, era sempre

⁶ Cf. o texto fonte, “When the chaco Missions was first proposed I had misgivings as to its future success. So much pain and disappointment had been caused by the deliberate, and only too successful, attempts of the Argentine Government to exterminate the Indian races in other partes, that I feared the projected labors of the Mission in Paraguay might be blocked; or, if allowed to begin, might ere long be effaced by violence and bloodshed on the part of the rulers of the land. It has not, however, been the case so for. On the contrary, the work of Mr. Grubb, by its marked success, has won the favor of the Paraguayan Government, and let to his being appointed as the acknowledged *Comisario General del Chaco y Pacificador de los Indios* (Justice of the Peace, or magistrate, for the Chaco, and conciliator of the Indian tribes). And to myself it is a great joy to contemplate them under the benevolent and intelligent guidance of a Christian mission, instead of their being harassed and trampled upon by military expeditions or by reckless adventurers.”

e invariavelmente a dos nativos aviltados em seus direitos e suas culturas de transitar em áreas que lhes eram historicamente comuns, por terem um senso de pertencimento de todo o território e que, o território onde construía suas moradias temporárias não era diferente do território onde caçavam, não era diferente do território onde pescavam, não era diferente do território onde enterravam seus mortos, onde treinavam seus filhos e jovens guerreiros da tribo, onde plantavam e colhiam, etc. Como é comum à grande parte dos indígenas, a noção de propriedade não pode ser restrita e restritiva a um lote de 200m², porque sua noção de propriedade, espaço, natureza e pertencimento não atendem a uma demanda das cidades.

Também não podemos ignorar ou diminuir os esforços de poupar a vida dos indígenas, intermediando os conflitos, ainda que com a intenção de “civilizá-los” sob a égide de uma cultura e uma lógica de vida outra, não condizente com as demandas dos indígenas, mas proporcionando uma oportunidade de amenizar o grande conflito existente por anos na região.

Outro aspecto interessante da visão de Grubb sobre o Chaco é encontrado também no capítulo introdutório onde descreve sua percepção da terra que passa a conhecer para desenvolver um trabalho evangelístico.

As duas divisões do Paraguai são, de fato, tão afastadas como se um continente, e não um rio, as separasse. Na margem leste do rio Paraguai estende-se uma terra bem cultivada, habitada por uma população trabalhadora, que reside em cidades ocupadas ou vilas prósperas, e que possuem conveniências tão modernas quanto estrada de ferro, bonde, telefones e luz elétrica. Na margem oeste do rio está um nível morto de charco e planície, dividido aqui e ali por rios, inúteis para navegação, e quase desconhecidos à geografia, e ressaltado no horizonte por palmeiras⁷. (Grubb, 1904, seção B, tradução nossa)

⁷ Cf. o texto fonte, “The two divisions of Paraguay are, in fact, as much apart as if a continent, and not a river, separated them. On the eastern bank of the Rio Paraguay stretches a well-cultivated land, inhabited by an industrious population, who dwell in busy towns or thriving villages, and who possess such modern conveniences as a railway, tram-cars, telephones and electric light. On the western bank of the river is a dead level of swamp and plain, intersected here and there by rivers, useless for navigation, and almost unknown to geography, and bounded on the horizon by belts of palm trees.”

Não podemos deixar de notar que há uma certa surpresa pelo fato de a terra não ser tão distante dos conceitos de “conveniência” e “civilização” quanto Grubb achasse, ainda que na descrição do nome do lugar ele deixe claro que o lugar não poderia ser mais “escondido” do “resto do mundo”, que para ele, naturalmente, era o mundo eurocêntrico. Estas referências devem sempre nos fazer questionar as fontes e perguntar: distantes de quem? Distantes de quê? Qual o referencial adotado?

Sem dúvidas, para os moradores do Chaco, que nunca sentiram necessidade da intervenção dos povos europeus, eles não eram os distantes, isolados, escondidos. Nem sentiam falta ou necessidade de nada que fora trazido pelo europeu àquela altura. Assim, não podemos também deixar de perceber a visão colonizadora de quem entende o mundo do “outro” e o “outro” em si como inferiores porque não são iguais a si mesmo.

É com essa percepção que Grubb se predispõe a se tornar uma referência de atuação missionária entre os indígenas do Chaco paraguaio, os Lengua, a quem demora a referir-se pelo seu próprio nome de identificação cultural. Esse traço é interessante, ao mesmo tempo que importante, porque precisamos distinguir entre o europeu italiano, o francês, o inglês, o americano do norte e o americano do sul, entre o asiático japonês, o chinês, o somali, mas não precisamos distinguir entre as milhares de etnias indígenas de famílias diferentes, são apenas indígenas, generalizados assim mesmo, como se fossem uma só massa distribuída em diferentes lugares, mas pertencentes a um mesmo “tipo”, uma mesma “espécie”.

Ainda que com todos esses problemas de interpretação da realidade encontrada e somente percebidos por um olhar temporalmente distante, como procuramos fazer hoje, o trabalho de Grubb ressoou no mundo europeu de então como digno de nota. O periódico “Nature”, em sua edição de 1911, se refere a Grubb da seguinte maneira:

W. Barbrooke Grubb, muito jovem à época, foi enviado com a incumbência de uma tarefa aparentemente sem chances de êxito. Duante vinte anos esse pioneiro e devoto genuíno viveu entre os selvagens, primeiramente sozinho, depois na companhia de seus auxiliares. O presente livro trata principalmente dos eventos e experiências dos primeiros cinco solitários anos que

viveu na aldeia dos Lengua, um pouco à oeste da vila paraguaia de Concepcion. Agora há uma missão florescente, chamada Waikthlatingmangyalwa, o lugar onde o prof. J. G. Kerr e posteriormente J. Budgett recolheram e estudaram o Lepidosiren, peixe pulmonado que vive enfiado na lama. É seguro para o homem branco atravessar quase 200 milhas à oeste do rio Paraguay, através das estradas de chão abertas pelos missionários; onde milhares de cabeças de gado agora são criadas pelos indígenas, posto que há alguns anos atrás as pessoas que adquiriram terras, mal ousavam inspecioná-las por medo desses mesmos indígenas. Nessas terras, Grubb é um nome reconhecido, e o governo paraguaio, consciente do que devia a esse homem, o nomeou Comissário-Geral do Chaco, juntamente com o título de “Pacificador de los Indios”⁸. (Nature, 1911, 451, tradução nossa).

Percebemos que Grubb foi tratado pelo governo paraguaio como o “Pacificador de Índios,” pelo trabalho realizado entre os indígenas. Quando lemos a obra, percebemos que o número de indígenas convertidos ao cristianismo não foi grande e que boa parte do seu trabalho consistia em “desmascarar” a religiosidade encontrada entre os nativos, tida por ele como feitiçaria e, obviamente, paganismo, que precisavam ser combatidos à luz da sua cosmovisão cristã.

Por esse trecho da publicação da Nature também percebemos que boa parte do trabalho missionário na região se deu na construção de acessos para alcançar as tribos, em uma região alagadiça, plana, com características de inundação em algumas partes de sua extensão, devido ao aspecto plano da terra, nas estações mais chuvosas do ano. As estradas que chamaríamos de “pau-a-pique” foram abertas para se chegar às regiões onde os indígenas eram mais acessíveis.

⁸ Cf. o texto fonte, “W. Barbrooke Grubb, then quite a young man, was sent out and entrusted with the seemingly hopeless task, For twenty years this pioneer and marvel of devotion has lived amongst the savages, at first quite alone, later on joined by helpmates. The present book deals mainly with the events and experiences of the early five lonely years amongst the Lengua tribe, a little to the west of the Paraguayan town of Concepcion. Now there is a flourishing mission, called Waikthlatingmangyalwa, the place where Prof. J. G. Kerr and the late J. Budgett got their material for the mudfish Lepidosiren. It is safe for the white man to traverse some 200 miles west of the river Paraguay, over roads cut by the missionaries; thousands of cattle are now tended by Indians, where but a few years ago men, who had acquired lands, scarcely dared to inspect them for fear of these same Indians. In these parts Grubb’s is a name to conjure with, and the Paraguayan Government fully acknowledge what they owe to this man by having made him Commissary-General of the Chaco, with the additional title of ‘Pacificador de los Indios.’”

O labor tradutório da obra de Grubb

Conforme pudemos constatar até aqui, a obra de Grubb é muito importante para a memória e análise do trabalho realizado entre os indígenas da região do Chaco no começo do século passado. O trabalho de um missionário que exerceu seu “chamado” e sua “missão” com tanta proeminência, reconhecido pelos “de fora” e pelos “de dentro” como um homem importante para a pacificação da região, mediando os conflitos de terra e de gado entre os governos, é uma obra que precisa ser revisitada e conhecida por todos nós, especialmente os que trabalham com tradução de relatos de viajantes e obras constituídas entre os indígenas.

De certa forma, nossa escolha por uma percepção amazônica do mundo, luta comum a todos os povos das amazônias, da pan-amazônia e das áfrias, acostumados a serem lidos, (re)lidos, (re)interpretados, (re)traduzidos para um mundo outro que não o seu e até para o seu próprio, com a língua do outro, a maneira de pensar do outro, faz-nos sentir a necessidade de (re)traduzir, (re)ler, (re)interpretar essas obras à luz do olhar de quem compartilha visões e culturas não eurocêntricas, na lógica de produzir outra maneira de entender o dito e o não dito pelo estrangeiro em relação ao nativo.

Assim, o esforço é por entender o vocabulário peculiar da obra com suas nuances cristãs e com seus apagamentos da religiosidade encontrada pelo missionário entre os indígenas.

Podemos destacar, por exemplo, já no título da obra *Among the Indians of the Paraguayan Chaco: a story of missionary work in South America*, a necessidade de traduzir a expressão “missionary work” como “obra missionária”, ao invés do intuitivo “trabalho missionário”. A expressão “The Right Rev.”, título honorífico tratado basicamente em ambientes religiosos para se referir a um bispo anglicano ou católico, utilizada no texto de apresentação do prefácio. A expressão “witch-doctors”, aplicada nos subtítulos do capítulo V para se referir aos xamãs da tribo. A expressão “Woman’s work” para se referir à “obra missionária feminina”, citada nos subtítulos do capítulo VII. Os juízos de valor cultural e estético feitos em situações como a descrição do que Grubb chama de “Detalhes pessoais”, no capítulo VII, quando diz:

Os indígenas do Chaco, no geral, não podem ser descritos como bem afeiçoados; um observador casual pode achá-los um tanto quanto repulsivos. Eles não têm nem a visão da águia, nem a expressividade resoluta dos Peles Vermelhas, com os quais Fenimore Cooper⁹ nos deixou tão familiarizados.¹⁰ (Grubb, 1904, p. 54, tradução nossa)

Nestes pequenos exemplos de tradução de trechos de apenas uma das obras, conseguimos perceber a necessidade de ter um conhecimento mínimo sobre os aspectos religiosos da cosmovisão, cultural e hábitos dos missionários cristãos para poder entregar como resultado da tradução um texto que seja mais parecido com o que Meschonnic chama de escrever, e não fazer apenas um trabalho de transliterar o material linguístico que está apresentado em uma língua, comumente chamado na teoria da tradução de L1 (Língua 1) ou ST (Source Text - texto fonte) para uma L2 (Língua 2) ou TT (Target Text - texto de chegada).

Autores como Arrojo (2007), Meschonnic (2010), Munday (2004) e muitos outros, entendem que está relativamente pacificado que uma tradução linguística, apenas, não consegue dar conta de todo o arcabouço de necessidades que uma tradução com tantos elementos históricos, geopolíticos, culturais, étnicos, estéticos, nesse caso em particular também religiosos, e tantos outros fatores, não contempla a plenitude do que a obra transmite. Muito menos é capaz, uma tradução meramente linguística, de dar conta da crítica que se faz sempre necessária a uma construção imagética que “desescreve” o que um povo inteiro é, vive, crê.

Por isso, quando fazemos o trabalho de tradução da obra de Grubb, não podemos passar despercebidos pelas expressões de (re)classificação religiosa feita sobre as categorias religiosas pré-existentes na tribo e julgadas à luz da cosmovisão cristã ocidental. Não podemos deixar de perceber os valores de julgamentos estéticos exercitados sobre os habitantes nativos, entendidos como “exóticos”, não belos, fora dos padrões carregados por Grubb e pelos europeus que escreveram e “descreveram” os indígenas do Chaco.

⁹ Autor da obra-prima *O último dos Moicanos* publicada pela primeira vez em 1826 nos Estados Unidos. (Nota dos autores).

¹⁰ Cf. o texto fonte, “The facial appearance of the Chaco Indians cannot, on the whole, be described as attractive; a casual observer might almost call them repulsive. They have neither the eagle eye, nor the resolute expression of the Red Indian, with which Fenimore Cooper has made us so familiar.”

Se a questão nos bate como referencial, então os nativos daqui também podem olhar para os estrangeiros e julgá-los fora do padrão daqui. Diferentes, não classificáveis, não rotuláveis. Isso nos ensina que não há melhor/pior, bonito/feio, mais ou menos inteligente, mais ou menos religioso. Nos ensina apenas que os paradigmas são diferentes e que precisariam ter sido respeitados. Não o foram!

Por não terem sido respeitados, nossa compreensão, ao mesmo tempo que proposição de resistência contínua, na linguagem, na escrita e (re)escrita dos relatos de viajantes sobre nós, todos os moradores destas regiões, é de que devemos nos esforçar por um labor tradutório que consiga ser, tanto quanto possível, posto que o desafio é enorme, tradutores identitários, identificados com uma identidade própria, não europeia, capaz de pensar com categorias outras de teoria da tradução que consiga dizer o quê e como um amazônida leria essa realidade. Conforme epígrafe que usamos do escrito do professor Miguel Nenevé, é preciso reimaginar de dentro. É preciso que moradores de todas as regiões amazônicas, pan-amazônicas, africanas, chaqueñas e tantas outras que foram ditas, (re)ditas, traduzidas, (re)traduzidas, imaginadas, (re)imaginadas, etc., sejam expressas em termos locais. Precisamos de outras traduções. Traduções diferentes, com contribuições outras, para desfazer o imaginário da vida, da existência, da re-existência, da cultura, da religiosidade e de categorias outras quase infindas da riqueza dos povos das Américas, especialmente as Américas esquecidas, ou reduzidas à importância da preservação da floresta amazônica.

É flagrante que Grubb diga de maneira clara e direta que os contos de aventura de Fenimore Cooper sejam o molde para a preparação e visão que os missionários do começo do século tinham para (re)imaginar os indígenas das Américas. Há muito trabalho a ser (re)feito/(des)feito.

Referências

ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução: a teoria na prática**. 5. ed. São Paulo, Ática, 2007

CRAGO, Morgan. W. Barbroke Grubb: Missionary Explorer & Anglican Layman. **Boston University**, 2021. Disponível em: <http://www.bu.edu/mis-siology/w-barbrooke-grubb/>. Acesso em: 22 de jul. de 2021.

GRAN Chaco. Britannica, 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Gran-Chaco>. Acesso em: 22 de jul. de 2021. MESCHONNIC, Henri. Traduire: Écrire ou Désécrire. Trad. Claudia Borges de Faveri e Marie-Hélène Catherine Torres. *In: Scientia Traductionis*, n. 7, 2010.

GRUBB, Wilfred Barbroke. **Among the Indians of the Paraguayan Chaco: A Story of Missionary Work in South America**. London: Charles Murray & CO., South American Missionary Society, 1904.

HATIM, Basil; MUNDAY, Jeremy. **Translation: an advanced resouce book**. London: Routledge, 2004.

MESCHONNIC, Henri. **Traduire: Écrire ou Désécrire**. Trad. Claudia Borges de Faveri e Marie-Hélène Catherine Torres. *In: Scientia Traductionis*, n. 7, 2010.

NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia M. Gomes. Re-imaginar a Amazônia, descolonizar a escrita sobre a região. *In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia Maria Gomes. (orgs.). Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização*. Rio Branco: Nepan Editora, 2015.

WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WILD Paraguay. **Nature**. Nº 2170, Vol. 86, 01 de jun. 1911. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/086451a0#citeas>. Acesso em: 22 de jun. de 2021.